

MAIO 2026

#409

AGENDA LISBOA CULTURA

3
5
A
N
O
S

LISBOA, CIDADE LITERÁRIA
ARCO - 10 ANOS
50 ANOS - TEATRO ABERTO

PEDRO MEXIA
PROGRAMA A 6.ª EDIÇÃO DO FESTIVAL LISBOA 5L



TEATRO
SÃO LUÍZ

29 A 31 MAI
TEATRO SUBSOLOS

HIPÓLITO

De Bruno Simão

A partir do texto de Mickael de Oliveira

2026 - A classificar pela CCE. ©João Tuna



LISBOA
CULTURA

telpark

MAIO

02
LISBOA, CIDADE
LITERÁRIA

14
ARCOLISBOA
10 anos

18
ENTREVISTA
→ PEDRO MEXIA
Programador do *Festival Lisboa 5L*

22
LISBOA 5L
*Festival Internacional de Literatura e Língua
Portuguesa*

24
ARTES

42
OBJETIVAMENTE
Maria Mayer destaca uma peça do Museu
Medeiros e Almeida

44
CIÊNCIAS

48
ESTREIAS
PORTUGUESAS
Documentário, biografia e comédia

50
CINEMA

54
DANÇA

58
LITERATURA

62
LIVROS DE MAIO

64
MÚSICA

74
TEATRO ABERTO
50 anos

76
TEATRO

84
CULTURA DE BAIRRO
→ REGO

88
VISITAS
Open House e Jardins Abertos

96
FAMÍLIAS

98
LIVRO DO MÊS
A Constituição Explicada às Crianças
de Sara Rodi com ilustrações
de Sofia Cardoso

112
Q → CATARINA
SAMPAIO

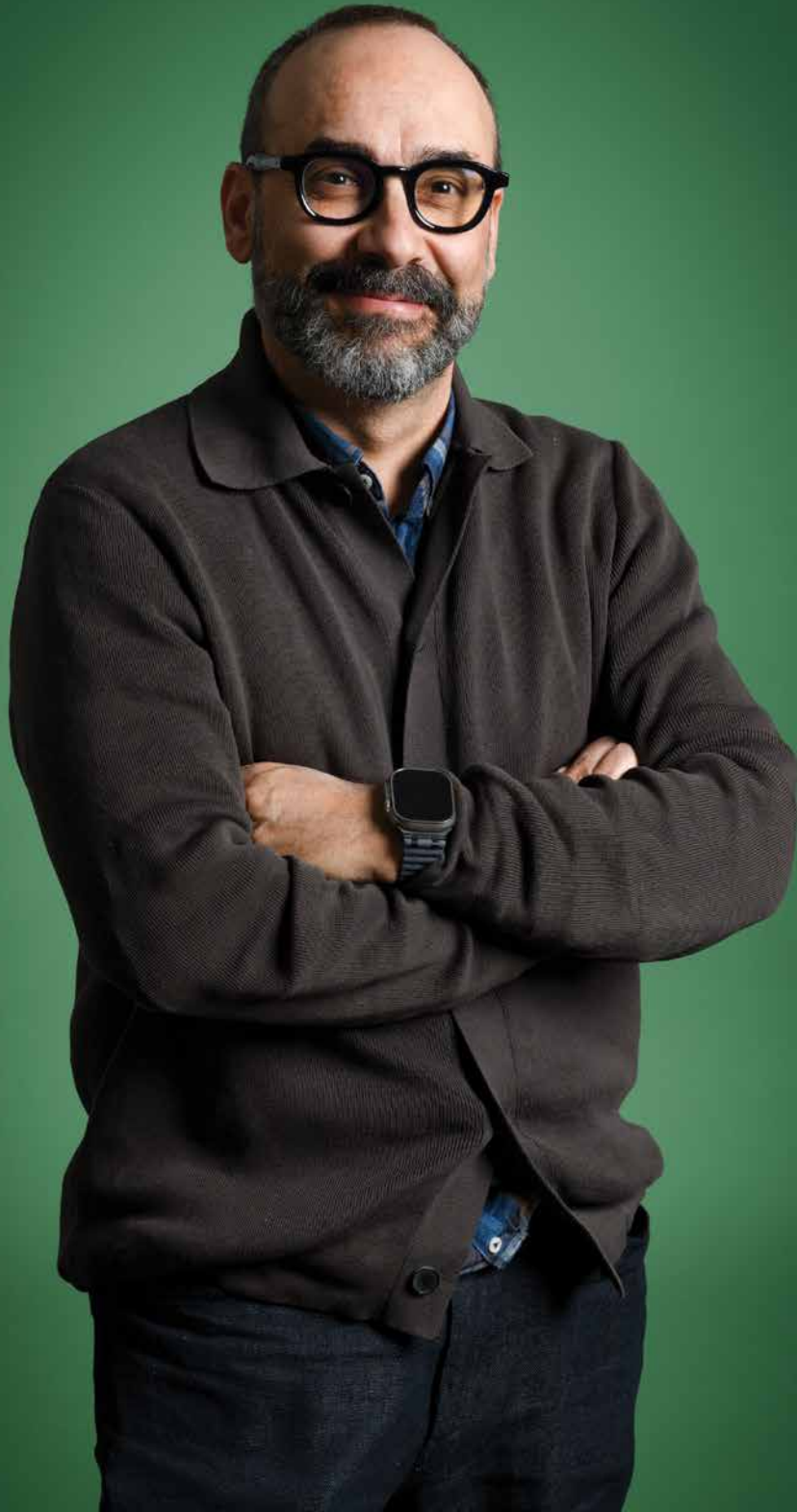
AGENDALX.PT

GABRIELA
LOURENÇO
E LUÍS
ALMEIDA
D'EÇA
TEXTOS

MANUEL
RODRIGUES
LEVITA
FOTOGRAFIAS

LISBOA, CIDA DE LITE RÁRIA

Em maio, a cidade de Lisboa abre-se à literatura. O mês começa com o *Lisboa 5L – Festival Internacional de Literatura e Língua Portuguesa*, na Biblioteca Palácio Galveias, e termina com a 96.^a edição da *Feira do Livro*, de regresso ao Parque Eduardo VII. Pretexto para refletir sobre a relação que a cidade tem com os livros, a literatura e os seus autores. Convidámos cinco pessoas ligadas ao meio com diferentes visões: escritores, editores, tradutores, o presidente da APEL e um representante de uma casa literária. Falaram-nos dos autores e das obras que moldaram a imagem da cidade, de como proteger e promover esse património, do papel das livrarias e bibliotecas e da importância de criar comunidades em torno do livro.



SÉRGIO MACHADO LETRIA

Diretor Executivo da Fundação José Saramago

"Lisboa é uma cidade literária porque tem um património de autores que fizeram dela palco dos seus livros. Pensando concretamente em Saramago, há dois livros que quase a têm como personagem principal: *A História do Cerco de Lisboa* e *o Ano da Morte de Ricardo Reis*. Depois, a partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, as referências tornam-se menos concretas. Embora tenhamos a sorte de saber, por indicações que o próprio deixou, que a ideia para esse livro nasceu em Lisboa, num semáforo no final da Rua da Escola Politécnica para o Largo do Rato. Não podemos esquecer também todas as tertúlias que existiam nos cafés lisboetas. Saramago disse várias vezes que ficava sempre do lado de fora. O facto de não ter frequentado uma universidade e não ter, no início, pertencido a esses círculos fez com que fosse uma espécie de *outsider*. Hoje, as livrarias, por via das quais também se faz a literatura, estão muito centralizadas em grandes grupos económicos. As livrarias independentes constituem por isso um património literário que importa preservar: aí ainda encontramos os grandes livreiros capazes de conhecer os leitores que procuram um determinado livro. E depois há a componente do ensino, das bibliotecas e das escolas. A educação literária de Saramago foi feita numa biblioteca pública, a Biblioteca Galveias. Num tempo que é cada vez mais de opinião única, de uma liberdade condicionada, a literatura é o grande espaço da liberdade."



ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Escritora e jornalista

"De todas as nossas cidades, Lisboa é, sem dúvida, a mais literária. Não só por Camões ou Pessoa. Temos escritores importantíssimos que escreveram sobre Lisboa: António Lobo Antunes, o meu pai [Mário de Carvalho], José Cardoso Pires, que era beirão mas renegou as suas origens e considerava-se profundamente lisboeta. Ou Saramago, que n' *O Ano da Morte de Ricardo Reis* faz a descrição de uma Lisboa antiga que é exemplar, muito fechada e opressora. Há locais que são pontos de encontro de escritores. Estou-me a lembrar da Casa da Achada de Mário Dionísio, da Casa da Liberdade de Mário Cesariny, das casas de Alexandre O'Neill ou de Herberto Helder. Seria uma mais-valia preservá-las e torná-las polos de atração. Temos a livraria mais antiga do mundo, a Bertrand do Chiado, e pouco partido se tira disso. Podíamos ter um turismo até mais interessante, que trouxesse coisas mais perduráveis à cidade. Gostava que existisse a noção de que o nosso património é a literatura. Defendo a ideia de fazer um grande festival literário, em que as várias artes se cruzem e em que haja uma ampla participação das pessoas. Demoramos muito tempo a perceber onde está o nosso verdadeiro valor. Ganhámos o Nobel e temos autores estudados em todo o mundo e ainda parece que temos de inventar coisas para atrair a atenção. O que temos de mais valioso é a nossa língua. E é na literatura, obviamente, que a língua floresce."



MIGUEL PAUSEIRO

Presidente da APEL e gestor do Grupo Bertrand Círculo

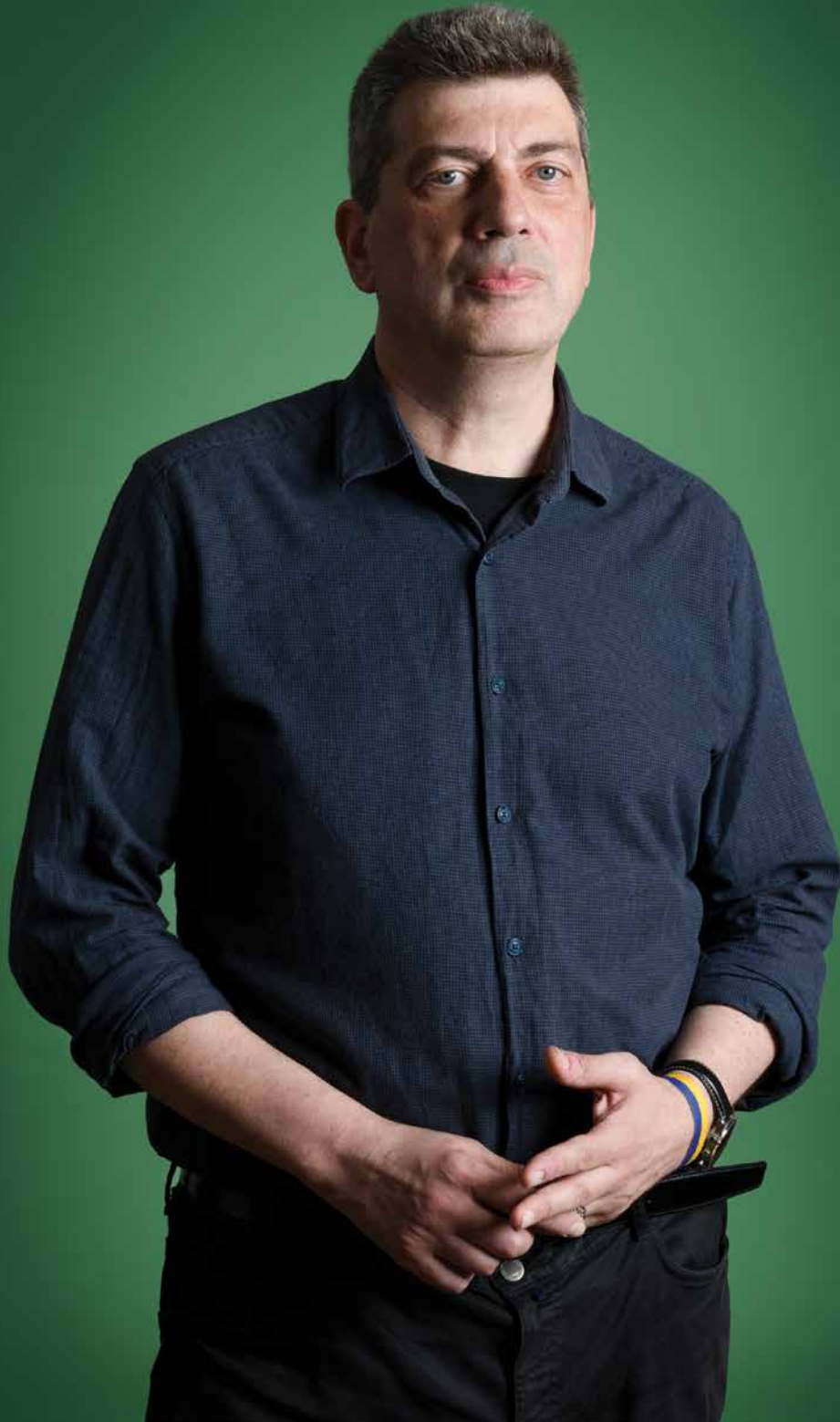
"Tornar Lisboa uma cidade literária tem de ser um compromisso coletivo. Perante a necessidade de desenvolvimento urbano, económico e social, é importante ter também um eixo estratégico cultural. Do ponto de vista da identidade e do ecossistema livreiro e editorial, estamos bem. Em Lisboa, existe uma comunidade que vive o livro e que promove um conjunto muito alargado de iniciativas. A cidade tem uma história antiquíssima, tem estado presente no imaginário de muitos autores nacionais e internacionais, é verdadeiramente inspiradora. Temos livrarias fantásticas. Há um conjunto de eventos que torna Lisboa símbolo e cenário de livro. O que podemos fazer mais? Dar-lhe uma uniformidade estratégica, em que todos confluam para este bem maior que é dar corpo e visibilidade ao livro, à literatura e à literacia. Nomeadamente, apostando na área da educação. Falta uma marca que associe Lisboa a esta estratégia de cidade literária, uma cidade que assente o seu desenvolvimento no livro. Por exemplo, dando nomes a parques ou jardins, colocando estátuas no espaço urbano, frases em *MUPI* onde a literatura e a cidade se misturam, ou, ainda, porque não trabalharmos para organizarmos em conjunto o Dia Mundial do Livro em Lisboa? Os últimos anos prepararam o terreno, por isso, as bases estão lá, mas há muito ainda para construir. Agora é, acima de tudo, não desistir."



MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

Escritora e editora

"Lisboa é hoje menos literária, se pensarmos no número de livrarias que fecharam por causa do turismo que afastou os lisboetas do centro da cidade. Por outro lado, tem tudo para ser literária: não só é assunto e cenário de uma série de livros portugueses e estrangeiros, como muitos dos escritores portugueses estão ligados a ela. Presta-se a ser celebrada em livros de ficção e de não ficção, porque é muito bonita, com uma luz muito especial... e, como está na moda, muitos a tomaram como cenário para os seus livros. Mas, na verdade, há muitos anos que se escreve sobre Lisboa – leia-se *Cândido*, ou *o Otimismo*, de Voltaire. Ou poemas de Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Cesário Verde, Ary dos Santos... Se a cidade não fosse literária, não teria inspirado tantas pessoas. E vejo que celebra os seus escritores mortos e mais conhecidos, nos nomes das ruas e das praças. Existem casas vivas, como a Casa Fernando Pessoa ou a Casa da Achada, onde acontecem muitas iniciativas, e outras casas com placas identificativas de quem lá morou. Fazem-se percursos literários, passeios turísticos pensados nos leitores portugueses e também nos turistas. É uma cidade onde, há 90 anos, existe uma *Feira do Livro*. Já se faz muito, mas ainda seria necessário mudar muita coisa, nomeadamente na educação, para aproximar mais as pessoas dos livros."



PAULO FARIA

Escritor, tradutor e curador do clube de leitura da Almedina Rato

"A leitura implica uma comunidade. O problema em Lisboa, neste momento, é a completa dissolução da comunidade. Estamos a ver isso acontecer à frente dos nossos olhos. A cidade enquanto comunidade está a desaparecer. É necessário perceber que ou se preserva a comunidade ou há uma série de coisas que vão acabar. O que vemos, de manhã cedo, nos transportes públicos é uma multidão que vive fora da cidade, a maioria pessoas racializadas, que não conseguem viver em Lisboa. Todos os dias, têm uma hora e meia ou duas de viagem para um lado e, ao fim do dia, uma hora e meia, duas, para o outro. Não há leitura possível com uma vida assim. Estas pessoas não vão chegar a casa e ler um livro, é impossível. Estão exaustas física e mentalmente. Lisboa só pode ser uma cidade de leitura sendo uma outra cidade. O mercado é inimigo da leitura e da comunidade, porque tudo funciona numa lógica de lucro. Não é possível haver leitura sem tempo, sem pausa. Temos de criar, na cidade, pequenas comunidades. Os clubes de leitura são isso. É a única hipótese que vejo: criar alguma forma de comunidade em torno do livro. Isso traz um sentimento de pertença. Hoje, o principal problema no mundo é andarmos todos à procura de comunidade... precisamos de alguma coisa onde nos sintamos bem."